

4ª PARTE

DISCURSOS

Discurso de posse

Flávio Leitão

Já se havia passado pouco mais de um século que a inteligência explosiva de Jean-Jacques Rousseau (1712 – 1778) premiara o mundo com inquietantes questionamentos em suas três obras: *Discursos Sobre as Ciências e as Artes*, (1750), *Sobre a Origem da Desigualdade* (1755), e o *Contrato Social* (1762) que, aparentemente, conflitava com suas ideias primevas;

Já distávamos da criação, no dizer de Otacílio Colares, da juvenilmente pedante *Academia Francesa do Ceará* (1872);

Já se havia esquecido a glória efêmera do Gabinete Cearense de Leitura (1875).

Já se haviam decorrido dez anos que a magnanimidade da alma cearense, violentada pela dolorosa e humilhante chaga da escravidão, libertara seus escravos do infame sofrimento (1884);

Já se haviam passado mais de sete anos que o espírito irrequieto de Guilherme Studart – o Barão pela Santa Sé – criara o Instituto Histórico (1887);

Já funcionavam a pleno vapor, com exuberante e alvissareira produção, ha dois profícuos anos, os sagrados fornos da Padaria Espiritual (1892);

Era, portanto, tempo para que, no dia 15 de agosto de 1894, vinte e sete privilegiados cérebros, valorosos homens de letras e de prestígio, fizessem eclodir, com a pujança que a acompanharia para sempre, a mais antiga Academia de Letras do Brasil: a Academia Cearense de Letras, sob o dístico *Forti Nihil Difficile* (aos fortes nada é difícil). Vinte e dois eram cearenses, dois piauienses, dois pernambucanos e um paraibano.

Para confirmar um liame indissolúvel entre medicina e literatura, essa estreita e curiosa afinidade entre médicos e o mundo das letras em todo o orbe terrestre, dos 27 fundadores, Adolfo Luna, Eduardo

Salgado e Guilherme Studart eram médicos e Henrique Théberge era filho de médico.

Governava o Estado do Ceará José Freire Bizerril Fontenelle, eleito várias vezes deputado federal, uma vez senador, e Fortaleza, então pacata vila, tinha apenas 40.902 almas.

Desde então passou a ser o sonho maior de todos os aspirantes à intelectualidade cearense assentar-se numa das honoráveis quarenta cadeiras que compõem este sodalício.

“Estava eu posto em sossego” - como disse o grande vate lusitano, referindo-se a Inês -, no exercício tranquilo da minha aposentadoria de neurocirurgião e de professor da Faculdade de Medicina, quando amigo de coração, movido tão somente pela força do sentimento fraterno, acende-me a poderosa e inextinguível chama da vaidade humana, soprando-me no ouvido a possibilidade de concorrer a uma vaga desta centenária casa.

Ao aceitar o enorme desafio, logo se me assomaram sentimentos maniqueístas, de oposição, de conflito.

De um lado, a volúpia ansiosa da imortalidade, a possibilidade admirável do gozo de ombrear-me a meu pai – o professor e poeta José Valdivino de Carvalho; a esperança dionisíaca de ter a glória de ser par de meu tio-bisavô, o Padre Francisco Valdivino Nogueira, maior orador sacro de todos os tempos.

De outro lado, sentimento antagônico, qual seja o reconhecimento que minha alegria é fruto da viagem que um amigo de profissão, médico como eu e superior a mim por ser poeta, fizera com Caronte, pelo rio Estige, após a terceira Parca – Átropos - ter-lhe cortado o fio da vida, em momento tão rico de sua produção acadêmica.

Assim, pelo determinismo inexorável do ciclo vital, impõe-se que se rasgue o crepe que enluta a cadeira 34 para que eu, como um demiurgo, goze do prazer de alimentar-me da intelectualidade, de ter direito a comungar, neste sacrossanto templo do pensamento, neste altar do saber – a Academia Cearense de Letras -, a hóstia inestimável da literatura.

Assumindo a cadeira 34, passo a gozar do invejável sentimento da imortalidade, na salutar, amena e tranquila convivência de trinta e nove árcaes que enobrecem esta Academia e que me estimulam a propugnar pelo desenvolvimento da luminosidade do saber literário.

Para que eu, já me acostumando ao outono como estagio último do viver humano, transmudasse minha vida em alvissareira e radiante primavera, foi, lamentavelmente, necessário que perdesse a Academia o expressivo vulto do poeta José Telles da Silva.

Para o Homem é questão de vida ou morte a felicidade, tanto que o próprio Cristo afirmou: “ Eu vim para que todos tenham vida e a tenham plenamente” .

Assim, mostro a exuberância de minha felicidade, a alegria pela posse da Cadeira 34, cumprindo, orgulhoso, a imposição a que o rito acadêmico me obriga: tecer algumas considerações sobre o patrono da cadeira que assumo, bem como sobre os que a possuíram, tracejando, em pinceladas rápidas, o perfil desses nobres ocupantes.

Agradeço com a alma prenhe de alegria, tão prestigioso encargo.

Essa determinação do rito acadêmico é para que se registrem, na História, os fatos da vida desta Academia.

Pois a História, como genialmente definiu a expressão maior da literatura hispânica - o insuplantável Miguel de Cervantes Saavedra -, é *“êmulos do tempo, depósito de ações, testemunha do passado, exemplo e aviso do presente, advertência do porvir”*. (Livro II, Cap. IX).

Início, lembrando o patrono da Cadeira 34, a excelsa figura de Samuel Felipe de Sousa Uchoa, nascido em Riacho do Sangue, atual Jaguaretama, em 21 de dezembro de 1843, falecendo aos 59 anos de idade.

Nessa curta e transitória vida, foi magistrado de nomeada, apaziguador de querelas, elogiado pela imprensa estrangeira por suas justas posições, grande jornalista.

Em seguida, recorde-lhes o vulto agigantado de humanidade e saber de **Dolor Uchoa Barreira**, o primeiro a assentar-se na cadeira 34. Nascido em Solonópole, em 13/04/1893, advogado atuante e pro-

fessor de Direito Civil da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará, por concurso, obteve o dignificante título de Professor Emérito daquela Universidade.

É autor de inúmeras obras jurídicas, bem como de obras literárias, das quais sobressai a *História da Literatura Cearense*, trabalho de profundo valor literário, cujos quatro volumes ornaram minha biblioteca, como presente de seu neto, o Desembargador Ernani Barreira.

Por sobre o valor literário do primeiro ocupante da Cadeira 34, obriga-se meu espírito a venerá-lo e honrá-lo, genuflexo, depositando em sua memória uma coroa de louros e toda minha gratidão pela atitude corajosa que tomou com referência a um episódio na vida de meu irmão, o advogado trabalhista Tarcísio Leitão.

Nos idos de 1961, reuniu-se a Congregação da nossa Salamanca, como num areópago, para discutir a expulsão de Tarcísio Leitão, pela crítica ácida que fizera ao conhecimento teórico de eminente professor daquela instituição.

Metade da Congregação, como as sanguinárias Erínias, queria a expulsão do jovem estudante de Direito.

A outra metade, como um oráculo de Delfos, perdoara a franca ousadia e verdadeira afirmação do jovem concludente de Direito.

Como no julgamento de Orestes, o matricida, o Prof. Dolor Barreira deu o Voto de Minerva, afirmando: “Estou velho demais para prejudicar a carreira de tão talentoso jovem”.

Ganhou o Ceará, com a coragem do democrata Dolor Barreira, uma das maiores expressões trabalhistas a favor dos menos validos.

Lembra-me, perfeitamente, que tão agradável alvissara foi dada a meu pai, pessoalmente, pelo Prof. José Amorim Sobreira, catedrático, por concurso, de Direito Romano.

Ao recebê-la, meu pai franziu o cenho, olhou para os céus, persignou-se solenemente, contraiu a face, chorou e, em seguida, desabrochou num sorriso de felicidade.

Seguiu-se a Dolor Barreira o farmacêutico **José de Figueiredo Filho**, nasceu em Crato e, nessa cidade, terminou seus dias como pro-

fessor de várias instituições de ensino e professor-fundador da Faculdade de Filosofia do Crato.

Contou em sua extensa obra literária, a história da glória e do sofrimento do povo cratense.

O terceiro a assumir a Cadeira 34 foi **José Denizard Macedo de Alcântara**.

Alto, lazarino, sempre de paletó e gravata, com os óculos de míope, devorador de livros, conhecedor profundo de História e de Filosofia, porte fidalgo, principesco.

Vejo-o, como se fora hoje, adentrando a nossa sala de visitas e ser recebido esfuziantemente pelo meu pai, seu amigo de ideal político.

Passavam longo tempo discutindo o Integralismo no Brasil e, posteriormente, a Monarquia.

Quantas vezes os vi redigindo cartas de cunho político para o sucessor de Dom Pedro II, o príncipe Dom Pedro Henrique de Orleans e Bragança, falecido em 1981.

Tenho a firme convicção de que eram dois idealistas, dois homens probos, preocupados com o destino do País, com o domínio da Fé cristã, com a paz social.

O penúltimo a assumir a Cadeira 34 – **Vinicius Antonius Holanda de Barros Leal** – nasceu em 16 de outubro de 1922 e faleceu há seis anos.

Foi meu professor de pediatria.

Um tipo fidalgo, o riso franco a baloiçar em seus lábios, homem culto, historiador competente e respeitado, cidadão de fé inquebrantável e escritor de rara qualidade.

O último a assentar-se na Cadeira de Samuel Uchoa foi o nosso dileto amigo e poeta de grande maturidade estética – **José Telles da Silva**.

Nasceu o poeta no dia 12 de março de 1943, quarto rebento numa prole de quatro homens (Adauto, Paulo, Antonio) e duas mulheres (Maria e Fransquinha).

Todos possuidores de grau acadêmico, traduzindo uma visão privilegiadíssima de seus pais.

Bitupitá, sua cidade natal, era uma vila de pescadores, então com 800 habitantes, caracterizada pela presença de dunas movediças e ricos manguezais.

A casa, distando menos de 200 metros do mar, deu-lhe inspiração para inúmeros de seus sonetos, dos quais sobressai *Sintonia das Marés* e *Areias Semoventes ou Poema de Bitupitá*, onde conclui saudosos:

*Oh, BITUPITÁ!
Há um silêncio em tua areia,
Uma emoção no quebra-mar
E a maré cheia de saudade!*

Descobriu as primeiras letras com a Professora Helena Demétrio, por quem sempre nutriu grande admiração e respeito.

O pai – Pedro Teles da Silva –, pequeno comerciante, e a mãe – Almerinda Roque da Silva –, com sábia atitude, trouxeram o Prof. Nilo Rocha e Silva do Piauí para ensinar aos filhos Português, História e Geografia.

Fez o ensino médio no Piauí, onde terminou em primeiro lugar, tendo as casas comerciais Roland Jacob, Casa Inglesa e Moraes Correia lhe oferecido emprego, posição almejada pela mocidade de Bitupitá, daquela época.

Contudo, a genialidade nata do poeta fez-lhe ver que outros céus lhe estavam destinados.

Fez, assim, concurso para a Escola de Cadetes da Polícia Militar do Ceará, onde obtém mais uma vez o 1º. Lugar.

A Providência Divina protegeu-o, dando-lhe, nesse período, uma doença pulmonar que o incapacitou para o exercício das armas.

Destarte, abandonou a carreira militar e fez vestibular para a Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, quando tirou o 2º. lugar, concluindo o curso em 1970.

Os irmãos fizeram empréstimo na Caixa Econômica, o que lhe permitiu fazer Residência Médica em Anestesia no Hospital dos Ser-

vidores do Estado, curso de Especialização na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, e o curso *Post Graduating in Anesthesiology*, em New York, nos anos de 2000 e 2001.

Autodidata obsessivo, aprendera a falar fluentemente o inglês.

Tomando-se de amores por Paris, resolveu dedicar-se à língua francesa.

Visitou a França por dezessete vezes, tendo morado por mais de três meses em Paris, onde visitava museus, universidades e vivia a vida boêmia da Cidade Luz.

O domínio do espanhol foi a terceira aquisição linguística, tendo, nos seus últimos anos, se dedicado à língua de Goethe.

Fez-se, finalmente, poeta, *enfermidade incurável e pegadiça*, como disse a sobrinha de Dom Quixote.

Publicou as seguintes obras: *Conversando* (1996); *Poemas Estivais* (1997); *Sermões de Pradaria* (2001); *O Lacre do Silêncio* (2004); *O Solo das chuvas* (2007); *Canto itinerante* (2014); *A Palavra descalça* (2013); *A Silhueta das areias* (2014).

Um dos exegetas da obra do Poeta José Telles – o também poeta Carlos Augusto Viana – que perlustra este sodalício, vislumbra em *Sermões de Pradaria* o início do discurso poético de José Telles.

Admite que n’*O Lacre do Silêncio* se descortina significativa e gradativa evolução de sua escritura poética: a lapidação do discurso, a multiplicidade de temas, o refinamento do humor e da ironia.

Por outro lado, o confrade Juarez Leitão ao apresentar trabalho literário de José Telles afirma: *a obra deste poeta, construiu-se como um edifício que vai ganhando altura e bom acabamento a cada andar, com janelas e varandas vastas e belas a receber as brisas do tempo, os ecos da memória e os sopros oscilantes das circunstâncias*.

Com a primeira mulher – a médica Francimeire – teve quatro filhos: **Milena**, Doutora em Endocrinologia, Professora da PUC; **Guilherme**, doutorado em Cirurgia Plástica – figura importante no hospital da Face de São Paulo; **Germano**, dedicado à engenharia eletrônica, fazendo doutorado em Lisboa, a serviço do BNB; **Mirela**, Profa.

de Historia Universal na Universidade de OHIO. Não foram seus filhos traídos pela transmissão genética.

No segundo casamento com Ana Karenina teve trigêmeos, tendo a infelicidade de perder um deles.

Diretor de arte e cultura do Ideal Clube, transformou esta entidade um órgão dedicado exclusivamente às atividades sociais, em notório centro de desenvolvimento de cultura e arte.

Juntamente com seus irmãos, foi o responsável pela instalação de rica biblioteca em Bitupitá, de uma rádio FM e de um polo de laser para os jovens carentes.

Detentor de vários prêmios de literatura, pertenceu a várias academias, tendo ingressado na ACL em 11 de novembro de 2010 e partido no dia 02 de junho de 2016.

Foi, para a Academia Cearense de Letras, uma perda dolorosa e irreparável.

Minhas Senhoras, Meus Senhores, Caríssimas Confreiras e prezados Confrades, o momento agora é de agradecimento a todos que contribuíram para que me fosse outorgado tão significativo encômio: a conquista da Cadeira 34 desta arcádia.

Agradeço a todos acadêmicos, e acadêmicas, que me deram um voto de confiança, admitindo que, um dia, poderei ombrear-me a Vossas Senhorias.

Abraço carinhosamente a todos os confrades, na pessoa do decano desta Academia – o confrade Pedro Paulo Montenegro, que na sua largueza de coração, na vastidão de seu conhecimento literário, na enorme abrangência de sua bondade, soube tecer palavras tão doces sobre meu pai, estendendo essa magnanimidade a mim, recipiendário deste nobre título de Acadêmico da ACL. Dou-lhe meu afetuoso abraço de agradecimento e de parabéns pelo seu natalício transcorrido ontem.

Amplexo mais afetuoso dou às minhas respeitáveis confreriras, na pessoa da filha de meu mestre de Pediatria – o Prof. Aluysio Soriano Aderaldo: a Acadêmica Noemi Elisa Costa de Soriano Aderaldo.

Agradeço emocionado a meu pai, que me estimulou o amor à literatura; à minha mãe, que destilou em meu espírito o encanto pelas artes, e que amanhã aniversaria, nos páramos celestiais; a meus oito irmãos, pela convivência salutar, por toda uma vida; à minha mulher Marimilia, heroína silenciosa, apascentadora de meus sofrimentos, acalentadora de meus sonhos, companheira resoluta; a meus filhos pela alegria que me dão como verdadeiros cidadãos e cidadãs de escola; a meus três netos, pela esperança que me deslumbram com um viver digno. Agradeço, igualmente, a todos os colegas de profissão, aos meus parentes, aos meus amigos que me honram com sua presença e, por fim, a Deus, essência maior da transcendência, por ter-me dado tanto e, praticamente, nada ter-me pedido em troca.

Senhora e Senhores acadêmicos, por mais argutos que sejam os vossos cérebros, por mais perspicazes que sejam os vossos espíritos, por mais discernimento que tenha a vossa razão, jamais aquilatareis com precisão a imensidão da minha alegria, o estado de graça e de êxtase que invade minh'alma ao assumir a Cadeira 34, em substituição ao imortal poeta José Telles da Silva.

Ante tão grande alegria, ante a responsabilidade de cultuar o saber literário, ante a obrigação de difundir a produção literária, minha e dos meus pares, com a finalidade de abrir os horizontes da paz e do convívio harmônico entre os povos, termino com a *Queixa* do Poeta José Valdivino de Carvalho, dizendo:

Porque não me deixaram como eu era!...
Menino e ave, riso e madrugada,
Olhos cheios de azul e primavera!....

Muito obrigado!